

Symbolon IV

# MEDO E ESPERANÇA

Em...

Ésquilo

Tucídides

Plutarco

Séneca

Santo Agostinho

Carlos de la Rica

editado por

BELMIRO FERNANDES PEREIRA

ANA FERREIRA

PORTO 2014

## FICHA TÉCNICA

TÍTULO: SYMBOLON IV – MEDO E ESPERANÇA

ORGANIZAÇÃO: BELMIRO FERNANDES PEREIRA E ANA FERREIRA

EDIÇÃO: FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

ANO DE EDIÇÃO: 2014

COLECÇÃO: FLUP e-DITA

EXECUÇÃO GRÁFICA: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.

TIRAGEM: 150 exemplares

DEPÓSITO LEGAL: 311011/10

ISSN: 1646-1525

ISBN: 978-989-8648-37-2

## In Limine

A definição aristotélica de homem como ‘animal sociável’, πολιτικὸν ζῷον (Arist., *Pol.* 1253a4), não será estranha às ideias de paz e concórdia que, como vimos no volume anterior, já na Grécia, e mais ainda em Roma, apresentavam forte coloração política. A fala, o *logos* apanágio dos homens, cumprindo o seu fim, quando declara o que é útil e prejudicial, o que é justo e o que é injusto, torna-se factor de civilização, produz a cidade, gera a política. Mas a paz e a concórdia – a comunhão de interesses e a adesão à lei, dirá Cícero – numa concepção utilitarista respondem sempre a emoções anteriores e fundamentais: aqueles estados e os seus contrários, paz e guerra, concórdia e discórdia, resultariam de acções motivadas pelo medo ou pela esperança.

Na verdade, de todas as *provas* tratadas por Aristóteles no II livro da *Retórica*, o medo, *phobos*, parece ser a paixão mais universal, não só por a partilharem todos os povos e culturas mas também os animais superiores. Diz o Estagirita que «o medo consiste numa situação aflitiva ou numa perturbação causada pela representação, *phantasia*, de um mal iminente, ruinoso ou penoso», (*Rh.* 1382a) e que, se não envolve um juízo moral, obriga a pensar, a deduzir a partir de sinais um risco possível, um perigo iminente. Já a representação da ausência de uma ameaça, a confiança, *tharsos*, constituiria a emoção contrária e assim como o medo, emoção neutra que quando degenera em vício significa cobardia, *tharsos* poderia tomar também

o valor de virtude para significar coragem. É neste ponto que surge no pensamento aristotélico a esperança propriamente dita, *elpis*, emoção que está para o futuro como a memória está para o passado.

Aqui conviria remontar a Hesfodo para ver como *elpis* representa a busca de sentido, esforço sem recompensa, porque expectativa que permanece ambivalente ou enigmática: «a mulher (...) ergueu a grande tampa da vasilha,/ e dispersou [os males e as doenças], preparando para a humanidade funestos cuidados./ Dentro da vasilha, na morada indestrutível,/ abaixo do rebordo, ficou apenas a Esperança. Essa/ não se evolou. Antes, já ela tornara a colocar a tampa (...)» (Hes. *Op.*, 94-98). A esperança começa, pois, por ser pensamento, conjectura, uma expectativa que se pode tornar mais ou menos iminente, mas só no Novo Testamento *elpis* ganhará de facto o significado de esperança de bem, logo acrescentando ao sentido moral o valor escatológico de virtude eminentemente cristã, a *elpis/ spes* das virtudes teológicas, fé, esperança e caridade. São Jerónimo, retomando Séneca e os estóicos, para cristianizar as *quattuor perturbationes* das *Tusculanas*, substituirá o *gaudium* ciceroniano por *spes*. Retomando a tríade paulina das virtudes teológicas, com Santo Ambrósio e Santo Agostinho, S. Jerónimo tornará mais clara a oposição *spes/ metus*, ainda quando distingue *metus* de *timor*, o medo genérico, digamos, do medo de um mal prestes a acontecer. *Timor* também pode ser virtuoso, enquanto temor de Deus.

Estes são outros usos, estranhos à situação retórica. Medo e esperança no tratado de Aristóteles e, precipuamente, na retórica e na literatura latinas são emoções suscitadas pelo futuro, paixões retóricas e, mais que tudo, paixões políticas, «Para que sintamos medo é preciso que haja alguma esperança de salvação pela qual valha a pena lutar. E aqui vai um sinal disso: o medo leva as pessoas a deliberar, ao passo que ninguém delibera sobre casos desesperados» (*Rh.* 1382b).

Com efeito, se na tripartição aristotélica dos géneros oratórios o discurso forense se ocupa do passado e o epidíctico do presente, a oratória deliberativa, quer dizer, o discurso político, versa sobre o futuro, para se ocupar do útil e do honesto, do que é vantajoso ou prejudicial, tratando, perante membros de um conselho ou de uma assembleia, «assuntos passíveis de deliberação, aqueles que naturalmente se relacionam connosco e cuja produção está em nossas mãos» (*Rh.* 1359a). Por isso, medo e esperança são tão importantes já em

Homero (Heitor enquanto aguarda Aquiles toma conselho consigo mesmo, *Il.* 22), em Ésquilo e, sobretudo, nos historiadores. É que o medo não é irracional, pelo contrário, chama à deliberação, convoca a reflexão, obriga a avaliar a situação, suscita a discussão política. Um excelente exemplo encontra-se na obra de Cícero, especialmente nos discursos políticos e nas cartas, mas também se podia tomar de Eneias ou de Dido, personagens agitadas por *metus* e *spes* no poema épico de Virgílio.

A Cícero pouco interessa a noção de *spes*, a não ser de forma negativa ou oblíqua. Mais vezes se refere a *desperatio*, uma «aegritudo sine ulla rerum expectatione meliorum» (*Tusc.* 4.18). *Spes* serve-lhe sobretudo para delinear com precisão o sentido de *metus*: «si spes est expectatio boni, mali expectationem esse necesse est metum» (*Tusc.* 4.80). Ora se no plano pessoal esta redução é evidente, como se pode ler nas epístolas do exílio em que dá conta a Ático ou aos amigos das suas aflições, temores e esperanças, nos discursos ainda mais se frisa a incidência política de *metus* e *spes*, por exemplo, nas *Orationes in Catilinam* e *Post reditum*, no *Pro lege Manilia* ou no *De provinciis consularibus*. Na quarta Catilinária, o Arpinate assenta a *dispositio* da *oratio* nos receios do Senado quanto à eventualidade de os conjurados assassinares o cônsul, ou as mulheres e as crianças dos *optimates*, de matarem as Vestais, de destruírem a cidade pela espada e pelo fogo. O orador insiste nas ameaças à segurança pessoal para fazer do medo um força activa que sustenta e mantém o debate. Nos discursos de Cícero o medo motiva a acção política, o medo de um político com demasiados poderes, o medo de inimigos internos, o medo de inimigos externos, por exemplo, dos Gauleses no *Pro Fonteio*. Do mesmo modo, no plano das circunstâncias contingentes, pode a *spes* conduzir à acção, a esperança de vitória nas eleições, de alcançar determinado cargo, de alcançar triunfos militares. Que o medo e a esperança constituem emoções básicas do discurso político comprovam-no ao longo dos séculos inúmeros exemplos.

Em Roma, a 31 de Agosto de 1481, D. Garcia de Meneses, bispo de Évora, surpreendeu o papa Sisto IV e o colégio dos cardeais com uma *oratio* latina que foi sem dúvida um dos primeiros e mais brilhantes discursos do Humanismo português. Logo na *propositio* declara o orador que vai discorrer sobre a utilidade e imperiosa necessidade de fazer a guerra contra os Turcos. Muitos tinham deplorado a queda de Constantinopla, muitos tinham posto diante dos

olhos a ameaça que representava o avanço islamita, importava agora a acção. Por isso, o essencial do discurso vai para a longa *argumentatio*, composta de confirmação e refutação, de *Turcarum bello*, onde trata do *utile*, reúne argumentos e exemplos, por forma a realizar o *officium suadendi*. Assim se desenvolve a *oratio* até à *conclusio*, entre *metus*, afastado na *argumentatio*, e *spes*, os afectos que conformam o discurso deliberativo. Conclui D. Garcia os argumentos baseados no medo, a favor da cruzada contra o Turco, com um sinal de esperança para as forças cristãs, a morte de Maomé II, o conquistador de Constantinopla, ocorrida nesse mesmo ano de 1481.

As emoções tratadas por Aristóteles no livro II da *Retórica* voltam à colação num dos livrinhos mais famosos do período do Renascimento. No *Enchiridion militis Christiani*, Erasmo evoca os sentimentos de medo e de esperança como os mais típicos de quem deseja progredir na vida espiritual. Estabelecendo uma correlação entre ambas as paixões, o roterdamês exorta o soldado-cortesão a procurar o refúgio da vida ignota e a temer as vicissitudes e contratempos da vida pública; aí, longe do bulício e das ambições do mundo, seguindo os preceitos do ‘epicurismo cristão’, pode o leitor esperar encontrar a *beata tranquillitas*.

A consciência, ainda que difusa, da pertinência política do medo e da esperança continuou bem viva, até hoje. Se Napoleão lembrava que «on ne conduit le peuple qu’en lui montrant un avenir; un chef est un marchand d’espérance» (*Pensées pour l’action*), o homem público que mais sucesso obteve nos últimos anos graças à persuasão não esqueceu o poder retórico destas emoções e a sua centralidade no discurso político. Barack Obama, como se sabe, construiu a sua primeira vitória presidencial em 2008 empregando a retórica destas emoções, a retórica do medo e da esperança. Se *The Audacity of Hope: Thoughts on Reclaiming the American Dream* (New York, Crown, 2006) não ignora um breve manual de campanha muitas vezes recordado na política americana, o *Commentariolum Petitionis* de Quinto Cícero, é de notar que Obama terá ouvido pela primeira vez a expressão *audacity of hope* numa pregação do Reverendo Jeremiah Wright na Trinity United Church of Christ, *slogan* que, recorde-se, a partir do discurso feito na Convenção Democrata de 2004 tornou Obama um fenómeno mediático depois consagrado pela Academia Sueca com o prémio Nobel da Paz.